

A Reconfiguração do Tabuleiro Internacional e suas Implicações Geoestratégicas para o Brasil

Augusto W. M. Teixeira Júnior*

RESUMO: O presente artigo analisa como a reconfiguração do tabuleiro internacional produz implicações geopolíticas para o Brasil em seu Entorno Estratégico. A investigação se ocupa em compreender em que linhas a aludida reconfiguração se dá e como o Brasil e região se posicionam como peças do tabuleiro geoestratégico. O texto se apoia nas contribuições teóricas da geopolítica e da tradição realista na política internacional. A análise do primeiro nível do tabuleiro, a Eurásia, utiliza as teorias do *Heartland* de Halford Mackinder e do *Rimland* de Nicholas Spykman. A centralidade e significado do tabuleiro eurasiático para a política internacional são inspirados na leitura geoestratégica de Zbigniew Brzezinski. O artigo parte da hipótese de que com a retomada da competição entre grandes potências como Estados Unidos, Rússia e China, no contexto mais amplo da multipolaridade em formação, o Entorno Estratégico brasileiro emerge como espaço para estratégias contra a contenção exercida pelos EUA na Eurásia.

Palavras-chave: Tabuleiro Internacional; Reconfiguração; Geopolítica; Geoestratégia; Grandes Potências; Brasil.

ABSTRACT: The present paper analyzes how the reconfiguration of the international board produces geopolitical implications for Brazil in its Strategic Environment. The research is concerned with understanding in what lines the aforementioned reconfiguration takes place and how Brazil and region stand as parts of the geostrategic board. The text is based on the theoretical contributions of geopolitics and the realist tradition in international politics. The analysis of the first level of the board, Eurasia, uses the theories of the Heartland of Halford Mackinder and the Rimland of Nicholas Spykman. The centrality and significance of the Eurasian board for international politics are inspired by the geostrategic reading of Zbigniew Brzezinski. The article assumes that with the resumption of competition between major powers such as the United States, Russia and China, in the broader context of emerging multipolarity, Brazilian Strategic Environment emerges as a space for strategies against US restraint in Eurasia.

Keywords: International Board; Reconfiguration; Geopolitics; Geostrategy; Great Powers; Brazil.

*Doutor em Ciência Política (UFPE). Pós-doutorando em Ciências Militares (ECEME). Professor do Departamento de Relações Internacionais (UFPB). Pesquisador Sênior do Núcleo de Estudos Prospectivos do Centro de Estudos Estratégicos do Exército (NEP - CEEEx) e do INCT-INEU.

Sumário Executivo

Como a reconfiguração do tabuleiro internacional produz implicações geopolíticas para o Brasil em seu Entorno Estratégico? Em suas feições, a política internacional contemporânea resgata dimensões correntes da geopolítica clássica, a saber: a competição entre grandes potências, estratégias de contenção, contra-contenção e balanceamento duro. O cenário de disputa geoestratégica entre Estados Unidos, Rússia e China proporcionado pelos esforços de reposicionamento destas potências reafirma o Leste Europeu e o Nordeste Asiático como áreas sensíveis da geopolítica contemporânea. As grandes estratégias em disputa ganham feições similares à luta histórica entre potências terrestres e marítimas que, em grande medida, se desdobram historicamente na Eurásia.

Em virtude das características da competição em curso, a Geopolítica de autores como Mackinder e Spykman retomam o destaque na interpretação do choque de vontades entre Washington, Moscou e Pequim. Contemporaneamente, a leitura do tabuleiro estratégico de Brezinski retoma vitalidade em virtude da centralidade da Eurásia como centro de tensão internacional entre grandes potências e espaço de irradiação para as potências continentais. Como forma de ler o tabuleiro que se estrutura hodiernamente, conceitos das teorias do *Heartland* e *Rimland* são fundamentais para captar a re-emergência de linhas de longa duração na política internacional. A disputa geopolítica pela ilha mundial – congregando Europa, Ásia e África – produz respostas e adaptações no campo da estratégia e doutrina por parte das grandes potências em antagonismo. Num esforço centrípeto de contenção e acomodação dos equilíbrios de poder regionais, os Estados Unidos reforçam a sua projeção e presença nas duas franjas da Eurásia. Em busca de reposicionamento e reconquista de sua posição e reconhecimento como grande potência, a Rússia age para frear a redução de sua esfera de influência.

Para tal efeito, a construção do mundo policêntrico tem ao alcance o componente de força como instrumento de destaque. Na porção asiática, a emergência da China como potência dominante territorialmente na Ásia se apoia na transformação de sua economia, sociedade, mas também na transformação de suas capacidades militares. A associação entre a grande estratégia chinesa e seus objetivos nacionais tem produzido, como na Rússia, o efeito centrífugo de projeção chinesa para além de suas esferas de influência imediata. Nesse quesito, o continente africano constitui um segundo horizonte de expansão e disputa entre as grandes potências supracitadas. O quadro geopolítico analisado, em particular pelas características do tabuleiro estratégico internacional, permite observar que o Entorno Estratégico brasileiro, apesar de seu espaço periférico e tradicionalmente marginalizado no pensamento geopolítico, torna-se um terceiro horizonte de expansão e contenção. Fora da ilha mundial, a América do Sul – e o Brasil em particular – está inserida na dinâmica geoestratégica como espaço de manobras diversionárias para reduzir o peso e pressão dos EUA na Eurásia e África. Com efeito de trazer para o hemisfério americano a luta intestina da ilha mundial, a América do Sul torna-se um espaço de luta geoestratégica ao qual os recursos de poder reunidos pelo Brasil na atualidade dificilmente lhe permitirão galgar maior espaço de autonomia na construção de uma ordem regional de seu interesse.

As reflexões e os resultados apresentados no presente artigo constituem a síntese da agenda de pesquisa de 2018 da linha sobre “Geopolítica e Estratégias Militares”, conduzida por este pesquisador junto ao Núcleo de Estudos Prospectivos (NEP) do Centro de Estudos Estratégicos do Exército (CEEEEx). Entre os trabalhos que ora subsidiam a presente análise, estão os textos “Postura Estratégica dos Estados Unidos e uso da Força: Pivô Asiático, *Third Offset Strategy* e *Multi-Domain Battle*”, “Postura Estratégica da Rússia e Uso da Força no Século XXI” e “Grande Estratégia e Modernização Militar na China Contemporâneo”. Os respectivos artigos encontram-se publicados na Revista *Análise Estratégica* (CEEEEx).

Estratégias e Geopolíticas em Disputa: A Centralidade da Eurásia no Tabuleiro Internacional

Como a configuração contemporânea do tabuleiro internacional¹ produz implicações para o Brasil? Não obstante seja uma indagação direta, a questão apresenta um importante desafio analítico. Primeiramente, cabe indagar qual a posição do Brasil, e de sua região, no tabuleiro internacional. Para tal, cabe investigar qual é a própria configuração do respectivo tabuleiro.

O ambiente de interação, competição e cooperação entre as unidades do sistema internacional, apesar de fortemente influenciado e mediado por tecnologias, fluxos e redes, ainda é fortemente calcado na geografia (GRAY, 1999). Distinto do que se poderia esperar pela crença no imperativo tecnológico, a difusão tecnológica não logrou subverter o primado da geografia como referente central do ambiente em que se processam as realidades de poder (KAPLAN, 2013).

Eventos tais como as guerras dos EUA na Ásia Central (Afeganistão – 2001) e Oriente Médio (Iraque - 2003), a Guerra Russo-Georgiana (2008), a anexação da Crimeia (2014) e as disputas no Mar do Sul da China contribuem para o argumento sobre a “vingança da geografia” desenvolvido por autores como Kaplan e amplamente debatidos por Mead e Ikenberry (TEIXEIRA JÚNIOR, 2017). Para além de afirmar que a geografia importa na política internacional, o argumento em questão lança luz sobre a prevalência da Geopolítica como chave explicativa da realidade e a atualidade do pensamento de

autores como Mackinder, Mahan, Spykman, entre outros.

O momento histórico em que a ótica geopolítica ganha novos contornos no mundo atual ocorre concomitante a dois tipos significativos de mudança na política internacional. Primeiramente, a mudança de polaridade é objeto de atenção nos últimos trinta anos. Do “momento unipolar” (KRAUTHAMMER, 1991) à multipolaridade emergente (HURRELL, 2009), entende-se que o padrão de polaridade em construção tenderá acirrar a competição e disputa entre potências (BUZAN, 2004). Essa percepção acadêmica vem sendo compartilhada por países como Estados Unidos (UNITED STATES OF AMERICA, 2018), Rússia (RUSSIAN FEDERATION, 2014) e China (CHINA, 2015).

Um segundo tipo de mudança refere-se à transição de poder. De *primus inter pares* após a Segunda Guerra Mundial, os EUA surgiram como a potência dominante no globo ao longo da Guerra Fria, posição incontestada até o final dos anos 1990. Entretanto, o papel dos Estados Unidos como cerne do tabuleiro internacional tende a ser desafiado por grandes potências que buscam se reposicionar no tabuleiro, como Rússia e China; mas também por potências regionais a exemplo da Coreia do Norte e Irã. Contudo, distinto de uma Nova Guerra Fria pela hegemonia mundial, o reposicionamento e emergência de potências concorrentes aos EUA objetiva constituir polos de poder alternativos à influência de Washington em regiões disputadas, especialmente na Eurásia.

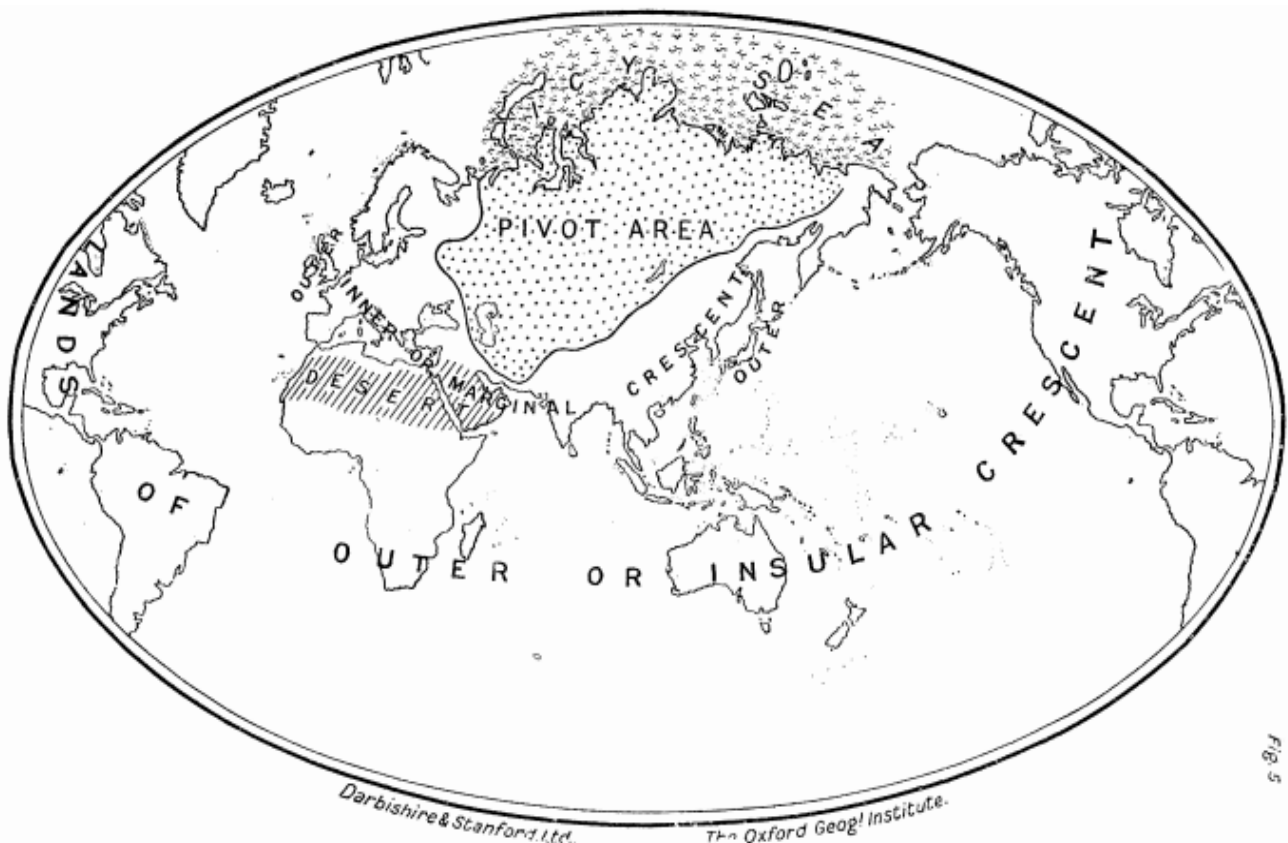
A ideia de regiões disputadas é relevante para situar o presente argumento em termos espaciais. Os países mencionados

¹ O conceito de “tabuleiro estratégico” é inspirado na leitura clássica de Brezezinski (1997) em “*The Great Chessboard*”.

acima se situam na Europa, Leste Asiático e Oriente Médio, ou seja, a Eurásia comporta não apenas os principais antagonistas dos EUA como abarca as principais áreas de disputas concernentes à áreas ou esferas de influência. Nesse sentido, conforme expresso pela figura

1, o entendimento de que a Eurásia consiste no eixo central da disputa geoestratégica contemporânea faz eco à três ideias basilares presentes na Geopolítica Clássica.

Figura 1 – O mundo de Mackinder



Fonte: Mackinder (1904, p. 435).

Primeiro, a ideia de Ilha Mundial² (MACKINDER, 1904) expressa bem a centralidade eurasiática ao mesmo tempo em que postula uma oposição estrutural entre as

potências terrestres dominantes nela em oposição à potência marítima firmada ao longo do século XX no *crescente exterior*³. Segundo, reforça a leitura do *Crescente Interno*⁴ como

² Conjugação geográfica dos continentes Europeu, Asiático e Africano numa massa terrestre contígua. “Do restante um quarto de terras emersas, dois terços correspondiam aos continentes da Europa, Ásia e África que, na visão de Mackinder, formavam de fato um único grande continente. Com efeito, os montes Urais e o istmo de Suez uniam e interligavam, em vez de separar, as terras da Eurásia-África que, envolvidas por todos os lados pelo oceano único, constituíam uma grande Ilha Mundial: a *World Island*.” (MELLO, 1999, p. 41-42).

³ “Na periferia do *Inner Crescent* existia um arco exterior formado pelo Crescente Externo ou Insular: o *Outer Crescent*. Protegidas pelos fossos do Grande Oceano, as potências marítimas do Crescente Insular estavam a salvo do assédio do poder terrestre dominante no núcleo basilar eurasiático” (MELLO, 1999, p. 49)

⁴ “Em termos geoestratégicos, as regiões anfíbias eurasiáticas formaram em torno do *Heartland* um grande arco interior ou marginal que Mackinder denominou *Inner Crescent*. Esse Crescente Interno era composto

zona de disputa entre as potências eurasiáticas e os Estados Unidos. Nesse sentido, o Crescente Interno *mackinderiano* do início do século XX retoma a sua vitalidade como espaço de disputa neste quartel do século XXI. Terceiro, o quadro geopolítico proporciona condicionantes geoestratégicos para uma dinâmica de contenção e contra-contenção. A política de poder que se processa nas fimbrias marítimas da Europa, Oriente Médio e Ásia, se processa em áreas que coincidem com os espaços de expansão da Rússia e China, confluindo com as áreas de contenção dos Estados Unidos. Nesse sentido, a Geopolítica de Halford Mackinder, Nicholas Spykman⁵ e a leitura geo-histórica do tabuleiro estratégico de Brezezinski ainda ecoam na atualidade.

Contemporaneamente, as ações de contenção e contra-contenção empregam como recursos meios e expedientes o balanceamento duro e brando (PAUL, 2004). A conexão entre geopolítica e a política de poder permeia o ambiente internacional marcado cada vez mais pela reconfiguração espacial de poder na Eurásia. Como sustentação dessas mudanças, a modernização e reforma militar em curso amparam a difusão de capacidades e distribuição de poder que alicerçam o reposicionamento de potências como Rússia e China.

por um conjunto de zonas amortizadoras que constituíam pontos de fricção ou áreas de disputa onde se chocavam o poder terrestre e o poder marítimo. Por um lado, o *Inner Crescent* era o espaço natural de expansão do poder terrestre que, de posse do núcleo basilar eurasiático, procurava conquistar as regiões periféricas e obter saída para o oceano, tendo em vista a construção de um poder marítimo. Por outro lado, o Crescente Interno era também a barreira física de contenção ou a primeira linha de defesa do poder marítimo, que procurava conter a expansão do poder terrestre e mantê-lo encurralado no coração da Eurásia.” (MELLO, 1999, p. 47).

⁵ Inspirado na geopolítica de Mackinder, a teoria do *Rimland* de Spykman é um importante contributo para pensar a relevância estratégica das fimbrias marítimas da Eurásia na dinâmica de expansão e contenção entre as grandes potências. “*Rimland* foi o termo utilizado por

Como dinâmicas de poder que se dão fundamentalmente na Eurásia afetam o Brasil em seu Entorno Estratégico? O argumento aqui defendido se estrutura pelo entendimento de que não obstante a ilha mundial seja o epicentro geopolítico da re-acomodação entre grandes potências, a área do Entorno Estratégico brasileiro oferece para China e Rússia um espaço de manobra para estratégias de contra-contenção. Apesar da presença desses atores na região não a transformarem automaticamente numa zona de disputa, a atuação e alinhamento dessas potências com atores regionais opera no sentido de aliviar a pressão exercida pelos EUA na Eurásia.

Apesar do “poder parador das águas” (MEARSHEIMER, 2001) exercido pelo *Grande Oceano*⁶, o efeito transbordamento da Eurásia para a América do Sul consiste na conexão de dinâmicas sistêmicas (de efeito global) e subsistemas (nível regional). Representativa dessa afirmação é a articulação entre as díades cooperativas como Estados Unidos e Colômbia ou entre Rússia e Venezuela (BUZAN e WAEVER, 2003; MARES, 2012; TEIXEIRA JÚNIOR, 2013). Mais recentemente, a penetração chinesa na América Latina alicerça e altera alinhamentos bilaterais relevantes, como com a Argentina⁷ e a Venezuela, respectivamente.

Spykman para substituir a noção de *InnerCrescent* e definir com maior precisão as regiões costeiras – as fimbrias marítimas – que contornavam a grande planície central da Eurásia.” (MELLO, 1999, p. 120).

⁶ Um oceano único cujas águas contínuas e intercomunicantes recobriam três quartos da totalidade do globo.” (MELLO, 1999, p. 41).

⁷ Não obstante o presente artigo não discorra sobre a Argentina, é necessário mencionar o acordo entre Buenos Aires e Pequim em que resultou na construção de uma base do programa espacial chinês na Patagônia Argentina. Embora oficialmente se preste para o uso civil, questiona-se se a instalação teria efeitos militares, a exemplo da contribuição para o sistema de posicionamento global por satélite, Beidou. Para mais informações, ver: “De uma estação espacial na Argentina, China expande seu alcance na América

Apesar do Brasil estar no hemisfério sul, na porção meridional do Crescente Externo, ou seja, na periferia geopolítica do sistema internacional; o país ainda é afetado pela reconfiguração do tabuleiro internacional. Apesar de ser o maior e mais rico país da América do Sul, o Brasil não reúne condições que poderiam conferir-lhe a condição de potência unipolar regional⁸. Mais relevante, a sua condição de superioridade pela assimetria vê-se estrangida e reduzida pela atuação e presença de potências extrarregionais na estruturação do espaço sul-americano em questões econômicas, comerciais e militares. Nesse sentido, para entender o espaço de autonomia que a reconfiguração do tabuleiro internacional encerra ao Brasil se faz necessário a análise Geopolítica e estratégica das mudanças estruturais do sistema internacional.

Da Disputa Geopolítica à Adaptação Estratégica e Doutrinária

Na presente seção analisaremos a balança de poder eurasiática com ênfase nas relações entre Estados Unidos, Rússia e China. A análise será realizada em consonância com o argumento teórico apresentado na seção anterior.

Geopolítica e Estratégia dos Estados Unidos

Singular entre as demais potências no globo, a imaginação geopolítica⁹ dos Estados Unidos não é delimitada por limites regionais

no tocante às suas esferas de influência. Enquanto que atores como Rússia e China possuem zonas de influência calcadas em limites regionais relativamente claros, a imaginação geopolítica dos Estados Unidos é global.

A Figura 2 é uma representação cartográfica dessa concepção de áreas de responsabilidade dos comandos combatentes das forças armadas dos Estados Unidos. No planejamento do país, cada região do globo constitui uma área de responsabilidade por parte de um *Unified Combatant Command*, que comporta elementos terrestres, navais, aéreos e anfíbios das forças armadas dos EUA. Como representação cartográfica, a figura supracitada é dinâmica, passível de ser adaptada a leituras contemporâneas sobre a geopolítica e cenários de atuação dos Estados Unidos. Por exemplo, há dez anos, em 2008, a IV Frota (US SOUTHCOM) foi reativada (FLORES, 2008). Recentemente, em virtude da mudança do cenário estratégico do Índico e do Pacífico, o Comando do Pacífico (USPACOM) teve a sua designação alterada para *United States Indo-Pacific Command*¹⁰ (US INDOPACOM).

A estrutura burocrática e de força por trás da geopolítica e cartografia brevemente explorada acima se subordina ao entendimento de que a garantia da segurança nacional dos Estados Unidos é buscada globalmente (UNITED STATES OF AMERICA, 2017). Esse entendimento repousa num postulado geopolítico estruturado por Nicholas Spykman (MELLO, 1999). Inspirado pelo contexto da

Latina”. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2018/07/de-uma-estacao-espacial-na-argentina-china-expande-seu-alcance-na-america-latina.shtml>>. Acesso em: 26 dez. 2018.

⁸ Sobre o debate acerca da condição unipolar do Brasil na América do Sul, ver Fuccille e Rezende (2013) e Teixeira Júnior (2016).

⁹ A ideia de “imaginação geopolítica” é apresentada por Gray (1999) com objetivo de demonstrar os aspectos sociais, psicológicos e culturais que contribuem para o pensamento e prática geopolítica por parte dos países.

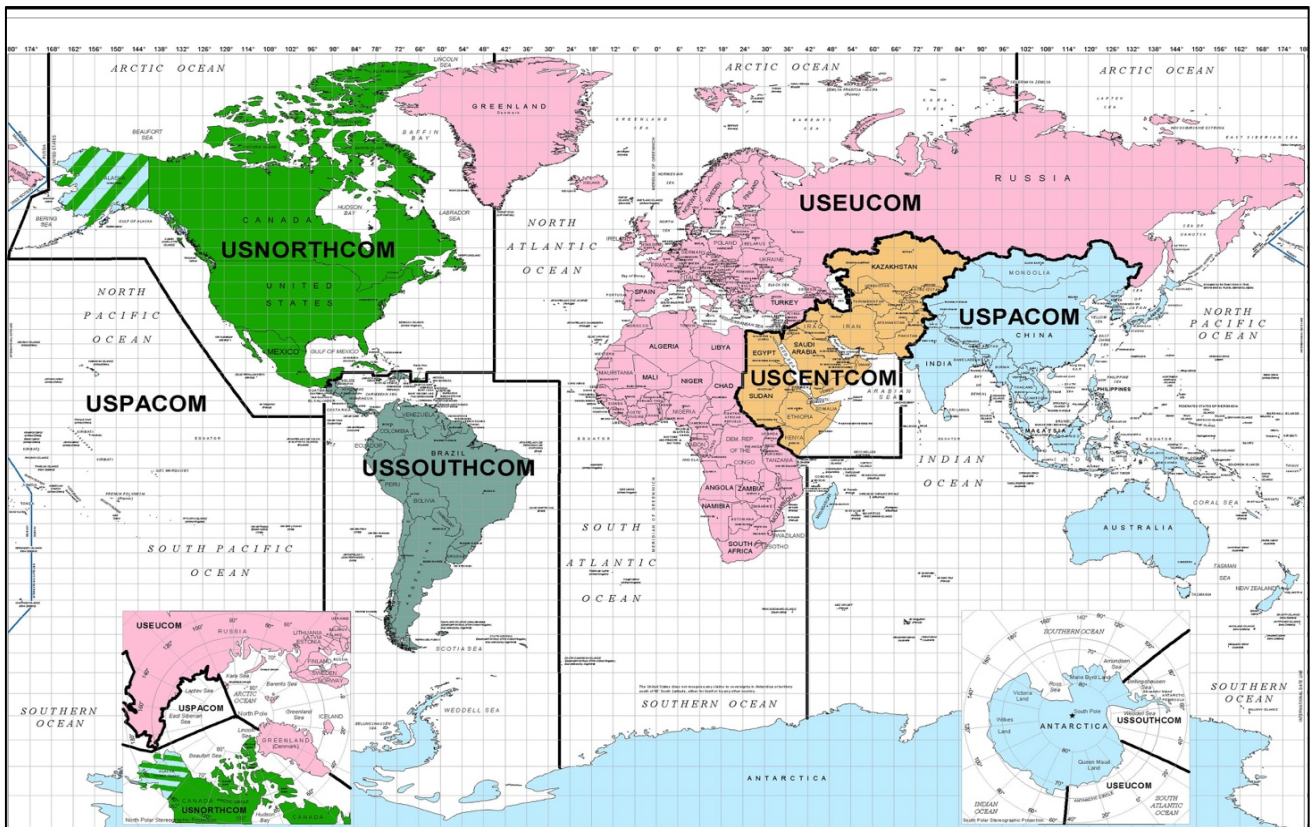
¹⁰ Mais informações sobre o *US INDOPACOM*, ver: <http://www.pacom.mil/About-USINDOPACOM/USPACOM-Area-of-Responsibility/>, Acesso em: 10 dez. 2018.

Segunda Guerra Mundial, de acordo com o geopolítico em questão, os Estados Unidos deveriam projetar duas pinças para a Eurásia (Europa e Ásia) de forma a neutralizar possíveis ameaças, que caso contrário, poderiam se projetar contra o território continental dos EUA (MATTOS, 2002). Nesse sentido, a gênese da estratégia de contenção, inspirada por Mackinder, Spykman (KAPLAN, 2013) e Kennan (2003) se articula com um dos mais célebres postulados da política internacional: a balança de poder (WALTZ, 2002). Em síntese, para assegurar a segurança nacional dos EUA seria necessário

moldar os diversos equilíbrios de poder regionais, em particular na Europa e Ásia. Para tal, o país é o único a sustentar estruturas e meios que o habilitam a possuir um alcance global, em qualquer espectro de operações ou domínio.

Apesar das guerras do Afeganistão e Iraque terem absorvido boa parte do interesse e recursos militares dos Estados Unidos no início do século XXI, os dois mandatos da administração Obama buscaram promover um pivô dos EUA para a região da Ásia-Pacífico (IISS, 2014)¹¹

Figura 2 – As áreas de responsabilidade dos Comandos Combatentes ao redor do mundo



Fonte: United States of America (2011).

Paulatinamente, na presente década a sensação sobre a competição entre grandes potências reposicionava o lugar da Ásia e

posteriormente da Europa como espaços centrais para a grande estratégia dos Estados Unidos. Embora o terrorismo ainda seja um

¹¹ Para um balanço crítico sobre o pivô asiático realizado pela administração Obama, ver Green (2016).

tema central e o Oriente Médio goze de uma incontornável relevância na agenda de defesa e segurança dos Estados Unidos, ao longo dos últimos oito anos documentos como a *National Security Strategy* e *National Military Strategy* dedicavam mais e mais atenção para atores como China e Rússia, mas também Coréia do Norte e Irã (IISS, 2015, 2018). Em particular os dois primeiros passavam a ser vistos pelos EUA como competidores próximos, não apenas por sua capacidade de afetar o equilíbrio de poder nas regiões para as quais se projetam, mas por processos domésticos de mudança militar que ameaçavam mitigar a liberdade de ação dos EUA na Eurásia (IISS, 2017; TEIXEIRA JÚNIOR, 2018a, 2018b).

Na Europa a primazia dos Estados Unidos na reconfiguração estratégica do continente começava a ser freada em 2008, quando da guerra russo-georgina. Na presente década, a guerra civil na Ucrânia e a posterior anexação da Criméia pela Rússia apresentam não apenas uma busca de Moscou por um reposicionamento como grande potência, mas possíveis limites à projeção geopolítica e estratégica dos EUA na Europa de Leste. Não que a posição dos EUA na região esteja ameaçada, mas o movimento de expansão da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), em curso desde o final da guerra fria, é agora compensado pela assertividade da Rússia em preservar parte da sua esfera de influência europeia no contexto em que países da Aliança são acusados pelo presidente dos EUA de contribuir menos do que deveriam para a segurança regional (DAVIS, 2018). A atual fase de antagonismo entre a OTAN e a

Rússia é um dos reflexos da reconfiguração do atual quadro geopolítico do teatro europeu¹².

Na Ásia, a emergência da China como protagonista da moldura de uma nova ordem asiática estrutura um desafio de peso à premissa estadunidense de impedir o surgimento de uma potência hegemônica na região (MEARSHEIMER, 2014). De forma mais robusta e contínua do que a Moscou, Pequim realiza um expressivo processo de modernização militar salientado, inclusive, pela sua recente reorientação geoestratégica para o Mar, com ênfase nos oceanos Pacífico e Índico¹³ (SEMPA, 2014; JINPING, 2017).

Diante das mudanças apontadas nos parágrafos anteriores, a grande estratégia dos Estados Unidos articula diversas expressões do poder nacional, seja para conter o que entende como expansão chinesa ou para deter o ressurgimento russo na Europa e Ásia Central. Um dado significativo da geoestratégia¹⁴ contemporânea consiste na articulação entre meios de força cinéticos e não-cinéticos. A conexão entre operações convencionais e guerra irregular se processa como estruturador da realidade internacional à luz de doutrinas militares inovadoras. Dentre as quais, destacam-se aquelas experimentadas com êxito na Ucrânia e a eventualidade de sua replicação por parte da China, provocando aquilo que os EUA temem como a desestabilização de tabuleiros regionais com vistas a afetar o equilíbrio regional de poder. Nesse sentido, tanto estratégias como *Offshore Balancing* na Ásia (MEARSHEIMER e WALT, 2016), como a contenção mais direta

¹² Nos últimos dois anos, Rússia e OTAN sinalizam disposição e força a partir de exercícios militares. Dentre os russos, destacamos o *Vostok* (2018). Por parte da OTAN, frisamos o *TridentJuncture* (2018). Mais informações em: <<https://www.businessinsider.com/nato-gears-up-for-biggest-military-exercises-in-many-years-2018-10>>, Acesso em: 10 dez. 2018.

¹³ O processo de conversão da China em potência marítima não destoa do esquema explicativo de Mackinder. Para o geopolítico inglês, uma potência terrestre poderia converter-se em marítima com vistas a projetar-se para os mares quentes.

¹⁴ Segundo Brezinski, “*geostrategy — the strategic management of geopolitical interests*” (1997, 31).

na Europa dialogam com o uso da força, coerção e pressão por vias não-convencionais. Nesse quadro, ao invés de perder em relevância na agenda de segurança, o problema do terrorismo e da guerra irregular passa a ser cada vez mais presente na agenda de grupos extremistas violentos, como demonstrado pela expansão do Estado Islâmico na segunda metade da presente década.

A mudança do panorama geopolítico internacional nos últimos anos impulsionou respostas no campo estratégico e doutrinário por parte dos Estados Unidos. Tanto documentos como o *National Military Strategy* (UNITED STATES OF AMERICA, 2017) à institutos de pesquisa (IISS, 2015, 2018) repercutiram a sensação de que as capacidades militares do Ocidente perdiam pujança ao passo que a dianteira tecnológica gozada anteriormente se reduzia em razão dos avanços de modernização e reforma militar de países como China e Rússia. A difusão de tecnologias avançadas entre possíveis concorrentes dos Estados Unidos não era o único problema. O acesso a tecnologias relativamente baratas¹⁵ por parte de atores não-estatais e países como Irã e Coreia do Norte poderiam impor riscos à um aspecto basilar da geopolítica e estratégia militar dos EUA: sua liberdade de ação para se projetar em qualquer dimensão de um teatro de operações.

O “comando dos [espaços] comuns” (POSEN, 2003), como base da hegemonia dos Estados Unidos, tem permitido ao país liberdade de ação nos mais diversos teatros de operações. A assimetria de capacidades, sustentada pelo pilar tecnológico e doutrinário, proporcionou aos EUA a possibilidade de projetar força e sustentar ímpeto ofensivo não só nos espaços comuns como em áreas em que

se buscavam negar acesso à Washington. O fenômeno de difusão tecnológica e o retorno da competição entre grandes potências contribuem para a emergência dos “*access challenges*” aos EUA. A estruturação por parte da Rússia e China do que os EUA chamam de sistemas de Anti-Acesso e Negação de Área (A2/AD) demanda respostas que possibilitem estratégias de “*all domain access*” (IISS, 2016).

O somatório da 1) reconfiguração do espaço eurasiático como ambiente de competição entre potências marítimas e terrestres, 2) a difusão tecnológica e concomitante deterioração da superioridade militar atlantista que proporciona o desafio ao domínio dos espaços comuns e 3) o A2/AD estruturam um quadro em que a contenção e contra-tenção geoestratégicas se processam em todos os domínios de operações na Eurásia. Como resposta, os Estados Unidos desenvolvem capacidades para atuar no amplo espectro e em escala global (IISS, 2017).

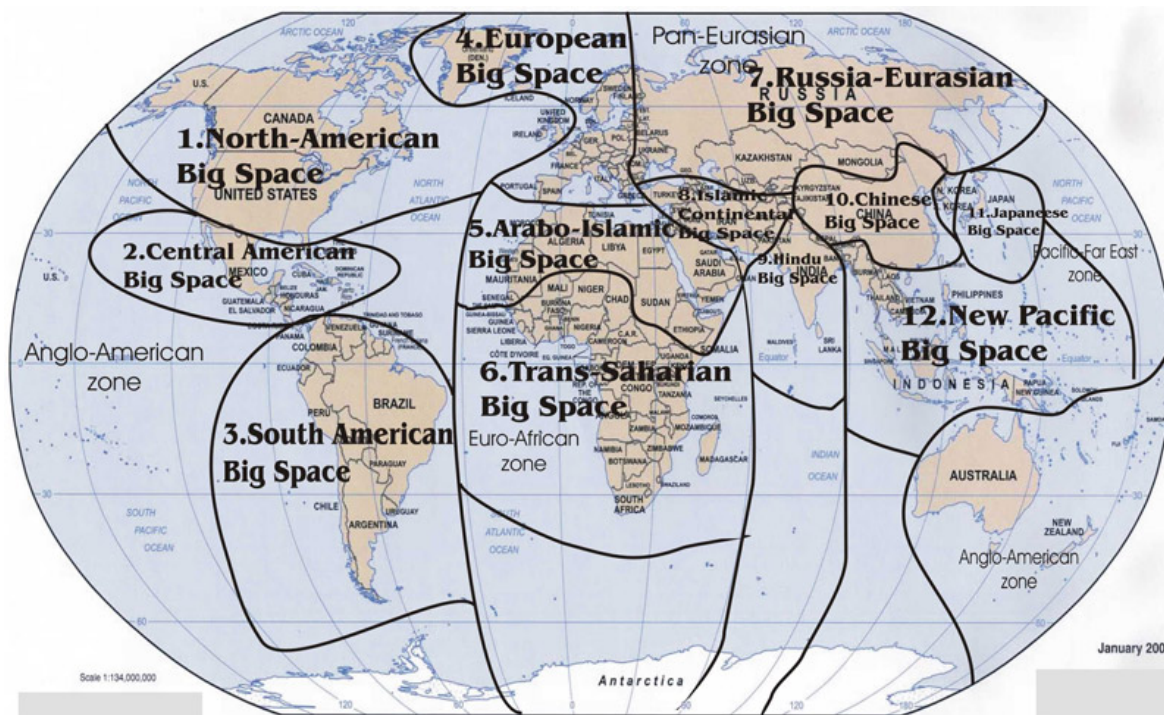
Geopolítica e Estratégia da Rússia

Diferente da antiga União Soviética, a Rússia contemporânea não contempla prioritariamente em sua imaginação geopolítica o globo como espaço de projeção de poder (SUSHENTOV, 2015). Calcada numa perspectiva regional, sensível às esferas de influência gestadas desde o Império Russo, a grande estratégia russa se volta fundamentalmente para a Eurásia como destino (ROMANA, 2016). Entretanto, classificar a geopolítica russa como limitada regionalmente pode ser traiçoeiro. Para melhor ilustrar essa afirmação nos valem da Figura

¹⁵ Como exemplo dessas pode-se citar minas anti-pessoal e anti-carro, dispositivos explosivos improvisados (IEDs), entre outros.

3, pensada pelo geopolítico russo Alexander Dugin (2016).

Figura 3 – O mundo multipolar



Fonte: Dugin (2016).

Enquanto que a geopolítica dos Estados Unidos é fundamentalmente global, a vertente russa se desdobra em grande medida na Eurásia. Por essa razão a classificação de “regional” como delimitação de seu espaço de atuação geopolítica induz ao erro. O território da Federação Russa se projeta para distintas regiões e continentes, como a Europa de Leste, o Ártico, o Cáucaso e Ásia Central e o Nordeste Asiático. Apesar de sua geopolítica não ser global, a sua projeção de interesses, influência e poder, direciona a Rússia a agir sob distintas regiões que conformam a massa eurasiática. Desta forma, quando Moscou afeta os acontecimentos da guerra civil ucraniana, da

guerra da Síria ou realiza vultosos exercícios militares no leste do país com a participação da China; em todos esses casos a Rússia age ou em sua imediação estratégica ou na sua área de expansão imediata.

Distinto do receio de Mackinder (1904) sobre o domínio do *Heartland*¹⁶ por Moscou e sua subsequente expansão sob a *Ilha Mundial*, a Rússia contemporânea reage a uma progressiva retração estratégica ilustrada pela perda de influência em países antes basilares em sua zona de influência. Se na Europa, a expansão da OTAN ocupou-se de reduzir o espaço de influência russo sobre a Europa

¹⁶ “A noção de *Heartland* – que pode ser entendida como área-pivô, região-eixo, Terra Central ou coração continental – é o conceito chave que constitui a pedra de toque da teoria do poder terrestre. [...] Mais que um conceito geográfico, com limites físicos claramente demarcados no mapa da Eurásia, o *Heartland* é uma ideia estratégica concebida teoricamente no começo do

século e testada empiricamente ao longo de duas guerras mundiais. [...] Tal conceito foi cunhado por Mackinder para designar o núcleo basilar da grande massa eurasiática que coincidia geopoliticamente com as fronteiras russa do início do século.” (MELLO, 1999, p. 45).

Central e de Leste, a emergência da China na Ásia povoa aquela região com mais uma grande potência, agora habilitada a subverter o equilíbrio de poder regional.

Se voltarmos a Figura 3, mais do que um mapa, a cartografia representa um desejo de potência: a consolidação e reconhecimento do país como grande potência, detentora de um entorno estratégico próprio e de tácito reconhecimento por parte de seus competidores. A grande estratégia russa, conforme apontado na doutrina militar do país (RUSSIAN FEDERATION, 2015) tem como objetivos a construção de um mundo policêntrico, o reconhecimento da Rússia como grande potência e a inviolabilidade de sua segurança através da não-interferência em sua esfera de influência por parte de competidores estratégicos, notadamente os Estados Unidos.

Para a consecução de sua grande estratégia Moscou passou a uma posição mais assertiva em torno de seus interesses. Primeiramente na Europa, buscando frear a redução paulatina de sua zona de influência por parte da OTAN, teve como conjuntura crítica a guerra de 2008 com a Geórgia e como ponto culminante a alegada atuação russa na desestabilização da Ucrânia e a posterior anexação da Crimeia. Entre a administração Medvedev (2008 – 2012) e o retorno de Putin à presidência, a Rússia passou a recorrer à coerção ou ao emprego direto da força militar como instrumento de imposição de sua vontade ao longo de seus espaços de interesse. Numa linha de atuação semelhante, o auxílio direto de Moscou à Damasco não apenas visou impedir a derrocada de um aliado histórico no Oriente Médio como também evitou a perda de um espaço de influência russo numa área que conecta a projeção do país do Mar Negro para o Mediterrâneo. Em todos os casos citados (Geórgia, Ucrânia e Síria), a Rússia afetou

diretamente o equilíbrio de poder desejado pelos Estados Unidos e seus aliados. Esse comportamento foi possível pela dotação de um robusto componente militar convencional (não nuclear) no seio da grande estratégia de Moscou.

Apesar de compartilhar da percepção dos EUA sobre a perda da dianteira tecnológica do Ocidente e de seu impacto para a difusão de capacidades militares (IISS, 2018), Moscou possui uma leitura realista do ambiente internacional: embora perceba distribuição de poder, o cenário internacional é visto como mais propenso a tensão e conflito, possibilitados pelo incremento da competição entre grandes potências (RUSSIAN FEDERATION, 2015).

Se por um lado, Washington acusa Moscou de desestabilizar regiões (UNITED STATES OF AMERICA, 2017), a Rússia se vê como alvo de campanhas de desestabilização por parte dos EUA (TASS, 2017). Essa interpretação tem como base as “Revoluções Coloridas” que se espalharam do Oriente Médio até a Europa, impactando diretamente a fronteira geopolítica da esfera de influência russa na região: a Ucrânia. Enquanto que acadêmicos ocidentais discutem o que ficou conhecido como “Doutrina Gerasimov” (TEIXEIRA JÚNIOR, 2018b), o país desenvolveu um processo de reforma militar que habilitou a Rússia a retomar a iniciativa na competição eurasiática.

O governo russo, através dos programas estatais de compras, buscou estimular a indústria de defesa do país (IISS, 2017). No campo organizacional, a Rússia fez o esforço de reorganização espacial de suas forças armadas através da criação de comandos operacionais estratégicos, conforme ilustrado na figura 4.

Figura 4 – Comandos Operacionais Estratégicos da Rússia



Fonte: IISS (2017, p. 188).

Estruturada sob os pilares doutrinário, tecnológico e organizacional, a reforma militar em curso desde 2008 tem habilitado Moscou a empreender uma grande estratégia ativa para a consecução de seus interesses (TEIXEIRA JÚNIOR, 2018b). Entretanto, os interesses prementes do país se situam fundamentalmente na Eurásia, sendo a área do *Crescente Interno* seu horizonte de expansão. Desta feita, a ação de contenção contra a Rússia realizada pelos Estados Unidos nas duas franjas da Eurásia encontra na iniciativa de Moscou um esforço de contra-contenção vindo do interior da *ilha mundial*. Contudo, na atualidade, o embate central entre a potência terrestre russa e a potência marítima estadunidense se dá principalmente na Europa, Ásia Central e Oriente Médio. Do outro lado da Eurásia, o teatro asiático é o ponto fulcral da competição sino-americana.

Geopolítica e Estratégia da China

Tradicionalmente uma potência terrestre, a geopolítica da China se projeta historicamente para o interior da Ásia. A China buscou se projetar para a Ásia meridional, logrando conquistar territórios da Índia. Construiu no Sudeste Asiático (Vietnã, Laos e Camboja) um espaço de influência chinês ao longo da história. Por sua vez, a fronteira norte - com a Mongólia e Rússia - constituiu uma clássica zona de limites. No sentido oposto, a projeção para o sul foi normalmente obstaculizada por dois fatores. Primeiro, de ordem física, consiste no Mar como limite e a existência do Japão como antagonista marítimo. Segundo, de caráter mental: ao longo do tempo a China nutriu muito mais uma mentalidade terrestre do que marítima, algo arraigado em sua cultura estratégica (ROMANA, 2016).

A geopolítica e estratégia chinesas possuem um caráter fortemente regional, centrando-se no Nordeste e Sudeste Asiático, com impactos para a Ásia meridional. Contudo, na última década o horizonte

histórico de atuação chinês não coincide plenamente com a sua zona de expansão tradicional. O acelerado crescimento econômico do país e a sua conversão em principal potência manufatureira na economia mundial torna mandatário a busca por matéria prima e energia, tal como a segurança das fontes e rotas de suprimentos das quais Pequim depende. Por essa razão, não apenas a China se projeta cada vez mais para os oceanos Pacífico e para o Índico, como tem na costa oriental da África um laboratório para a sua geopolítica neste quartel do século XXI. Baseado nesses fatores e, em particular, na fala do presidente Xi Jinping para o 19º Congresso do Partido Comunista Chinês, pode-se afirmar que a imaginação geopolítica chinesa tem passado por transformações: de um pensamento terrestre, torna-se cada vez mais orientado ao mar (JINPING, 2017).

Possivelmente, nenhum projeto ilustra melhor a grande estratégia chinesa do que a “*Belt and Road Initiative*” (BRI) (WUTHNOW, 2017). Muito além de um mega-projeto de infraestrutura e logística, a iniciativa “um cinturão, uma rota” compõe o repertório de medidas adotadas por Pequim com fins a moldar a ordem eurasiática com base no peso econômico, industrial e financeiro de Pequim. Para melhor ilustrar essa imaginação geopolítica, a Figura 5 apresenta uma cartográfica da visão chinesa.

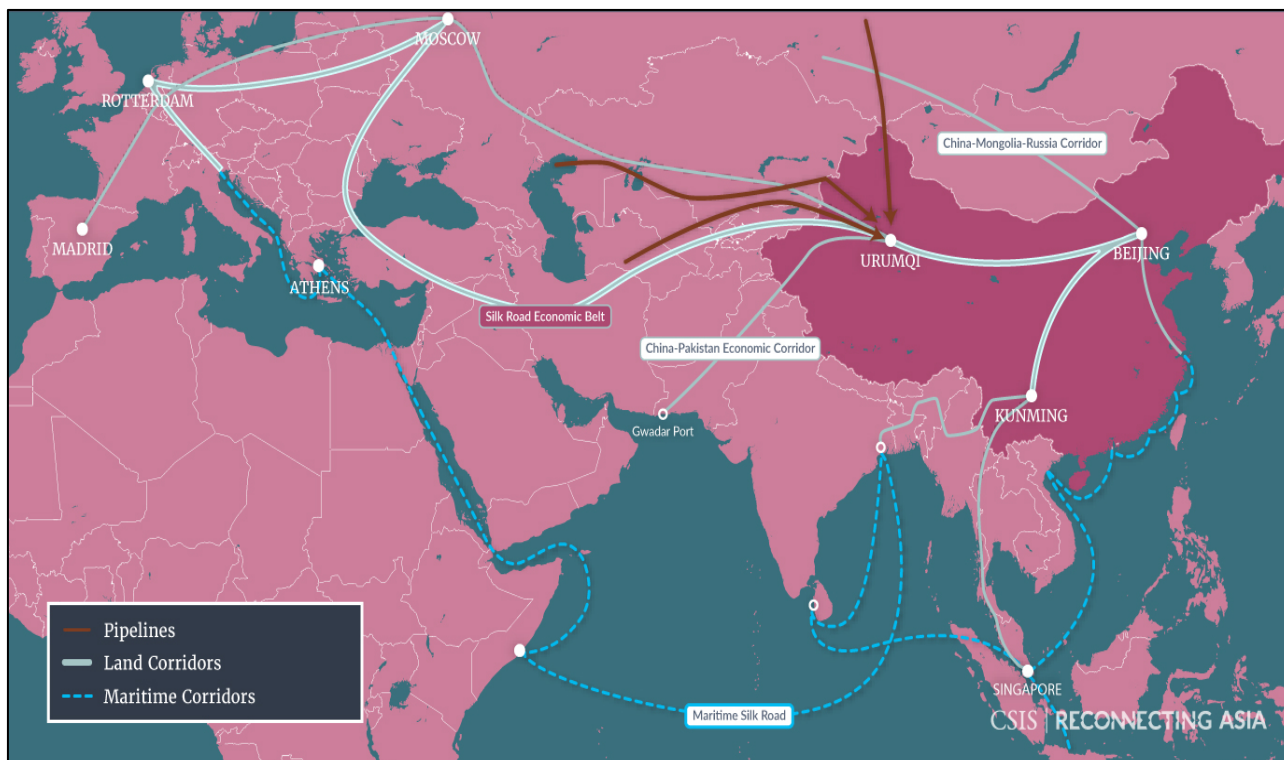
As áreas marítimas e terrestres as quais a “nova rota da seda” visa conectar passam por estreitos e linhas de comunicação oceânicas disputadas ou por territórios conflagrados ou por atores receosos em relação aos intentos de Pequim. Nessa linha de raciocínio, um primeiro contexto de crise emergiu às portas do horizonte de expansão chinesa: o Mar do Sul da China. A construção de bases e instalações militares nesse ambiente marítimo

Figura 5 – A iniciativa “Um cinturão, uma rota”

corresponde ao objetivo por parte de Pequim de garantir a segurança e controle do Mar do Sul da China e de suas águas vizinhas (IISS, 2018, p. 219). A salvaguarda da China em favor do que chama de direitos históricos (CHINA, 2014) a coloca em antagonismo com vários países da Associação de Nações do Sudeste Asiático (ASEAN).

Nações como Vietnã, Filipinas e Malásia têm apresentado dificuldades ao comportamento coercitivo de Pequim em seu intento de reconfigurar o espaço marítimo como seu *Mare Nostrum*. Contudo, desde o contencioso sobre as ilhas Senkako/ Diaoyu, situada no Mar da China Oriental, potências regionais como o Japão têm se mostrado como antagonistas à altura do desafio (IISS, 2018). A dinâmica de competição sino-japonesa traz consigo os riscos de uma corrida armamentista no Leste Asiático. No sentido de frear a expansão chinesa para o Pacífico, recentemente Tóquio anunciou que adaptará os seus porta-helicópteros para que possam operar aeronaves de asa fixa (McCURRY, 2018).

Outra potência regional asiática com a qual a China compete em sua expansão é a Índia. Ao longo da última década a Marinha do Exército de Libertação Popular tem realizado sucessivas operações-fora-de-área. Uma área central dessa projeção geoestratégica tem sido o Oceano Índico e os países que o margeiam. Por exemplo, a China construiu uma base militar no país africano de Djibouti, permitindo-a agir com maior liberdade e prolongada em operações antipirataria no Golfo de Áden (IISS, 2017). Outro exemplo de operação fora-de-área por parte da marinha chinesa são a participação do país no exercício *Joint Sea 2017* em conjunto com a Rússia no mar Báltico.



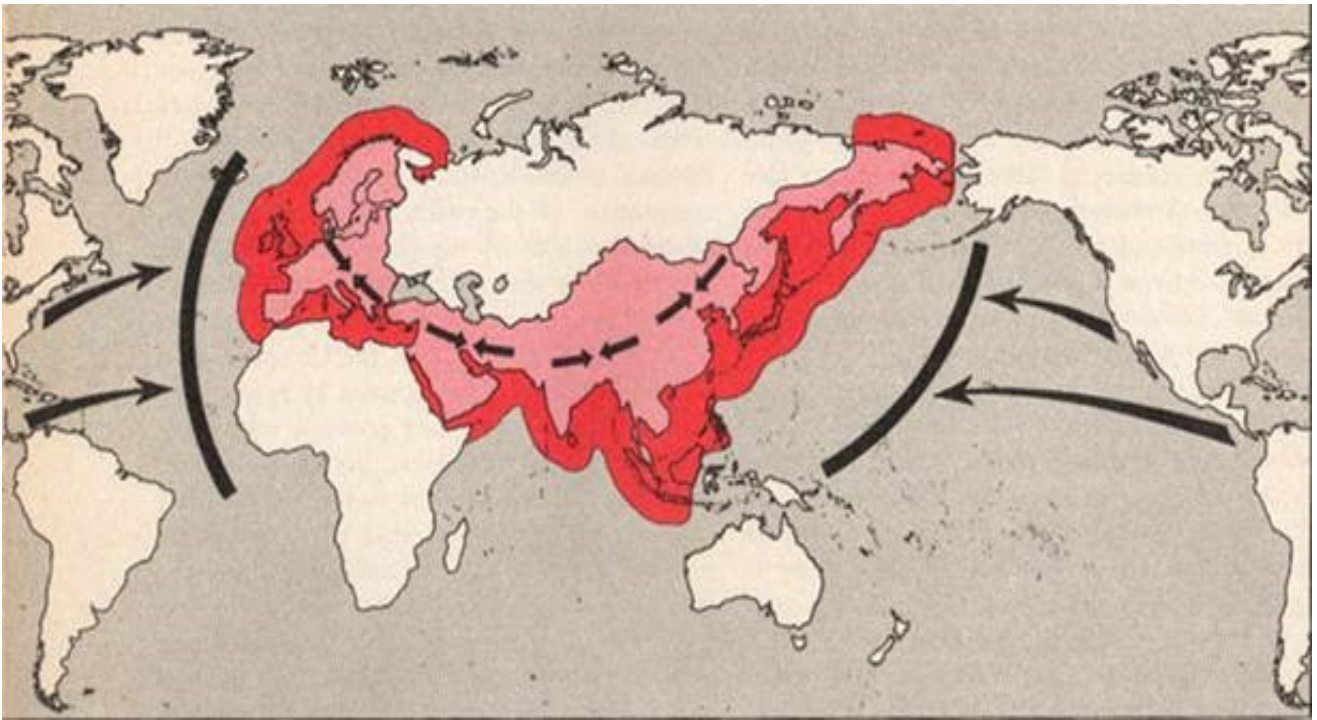
Fonte: CSIS (2018).

A geopolítica contemporânea da China assenta num processo de construção de capacidades multidimensionais. Não apenas o seu pujante crescimento econômico e capacidade industrial, financeira e tecnológica criam as bases para o poder nacional sínico, como no campo estratégico, doutrinário e militar – a China passa por um expressivo processo de modernização militar.

A evolução doutrinária chinesa (SINGH, 2016) incorpora a concepção de informatização da guerra como parâmetro de preparação militar e de engajamento entre forças nos diversos domínios de operações. Com isso, a doutrina ancestral da “guerra do povo” se metamorfoseia numa versão informatizada no século XXI. A mudança na doutrina dialoga *pari passu* com as transformações dadas no campo tecnológico. Atualmente, se prevê que o país tenha logrado

atingir a primeira etapa pretendida da modernização, a saber: a mecanização e informatização de suas forças armadas (IISS, 2018, p. 225). Por sua vez, o pilar organizacional por qual passa a modernização chinesa tem como exemplo fundamental a reorganização dos comandos de teatro (IISS, 2018). Ainda no campo organizacional, a criação da Força Conjunta de Apoio Logístico do Exército de Libertação Popular da China reforça a tendência de buscar a interoperabilidade como base para a força conjunta do futuro.

Figura 6 – Rimland de Spykman



Fonte: Sequeira (2014).

Semelhante ao caso da Rússia, por mais que a China possua uma ênfase regional em sua geopolítica, o país expande a sua atuação para fora de sua zona de irradiação imediata. Para além de razões econômicas e comerciais, romper o cerco estadunidense, em particular quando costurado pela estratégia de *Offshore Balancing* (MEARSHEIMER e WALT, 2016), demanda a projeção geoestratégica para regiões para além do seu espaço estratégico original. Enquanto a Rússia se projeta fortemente para a Europa de Leste, Ásia Central e Oriente Médio, a China se lança para o Leste Asiático, Ásia meridional e África como horizontes de expansão geopolítica. Como resultado da ação das forças centrífugas (China e Rússia) e centrípetas (Estados Unidos e Aliados), a Eurásia converte-se mais uma vez em polo central da competição geoestratégica entre o poder terrestre e marítimo na geopolítica contemporânea.

De forma mais detida, o clássico *Rimland* de Nicholas Spykman ainda é o principal palco dos esforços de contenção e contra-continência entre as grandes potências

em antagonismo. Desta feita, indaga-se, quais as implicações da configuração do tabuleiro estratégico analisado acima para o Brasil?

Implicações para o Brasil Da Incorporação de Seu Entorno Estratégico ao Tabuleiro Internacional

Conforme demonstrado até o momento, a Eurásia é o grande tabuleiro estratégico em que se dá a competição e disputa entre as potências capacitadas a afetar da polaridade do sistema internacional. O tabuleiro internacional pode ser destrinchado como possuindo três níveis estruturantes. Primeiro, a Eurásia, cerne da *Ilha Mundial*. Em especial, a região equivalente ao *Crescente Interno* de Mackinder ou *Rimland* de Spykman, constitui a prioridade na competição geoestratégica entre Estados Unidos, Rússia (Europa) e China (Ásia-Pacífico). Segundo: a dinâmica centrífuga e centrípeta eurasiática se expande para o segundo horizonte de expansão. O

O Oriente Médio e a África podem ser considerados como o horizonte de expansão subsequente aos núcleos europeu e do Leste Asiático. Na perspectiva russa, a busca pelo preenchimento de seu entorno imediato e a sua projeção para o Oriente Médio, Ásia Central e mais recentemente a África (TASS, 2018) exemplifica um segundo horizonte de expansão. A expansão chinesa pelo Ásia Meridional, Oceano Índico e o seu peso na costa oriental da África são representativos dessa dinâmica.

Se observarmos atentamente à descrição do parágrafo anterior ficará evidente que o espaço central e sua zona de irradiação subsequente na competição geoestratégica entre o poder marítimo e terrestre se processa fundamentalmente na área definida por Mackinder (1904) como *Ilha Mundial*. Entretanto, se essa inferência procede, qual o papel do Brasil e de sua região? A América do Sul, uma *Ilha Exterior*, estaria na região do *Crescente Externo*, uma condição periférica e distante dos grandes centros de competição e conflito internacional. Destarte a leitura de marginalização da América Latina nos esquemas geopolíticos (CAIRO, 2008), a condição periférica não retira da região relevância geopolítica e estratégica para a competição centrada na *ilha mundial*. Se como observado anteriormente, Rússia e China optam por respostas assimétricas em sua competição com os EUA¹⁷; no campo geopolítico a projeção para a terceira área de expansão reveste-se de significado e função geoestratégica. A América Latina constituiria um espaço útil para a estratégia de contra-tenção aos Estados Unidos. Distinto da *Ilha Mundial*, uma zona de disputa por definição, ao forçar uma reação dos EUA em seu hemisfério e área de influência imediata, a luta

na região do Entorno Estratégico brasileiro é mais uma oportunidade de reduzir a pressão dos EUA ao longo do *Rimland* eurasiático.

O contexto de reinserção da América Latina como palco na disputa geoestratégica global tem na primeira década de 2000 um ponto central. Com a ascensão de Putin à presidência a Rússia retomou o intento de reposicionar-se como grande potência. Para tal era mister assegurar o seu entorno estratégico, frear a expansão da OTAN e contribuir para a formação de um mundo policêntrico. Na Ásia, a China consolidou a sua posição como grande potência asiática e passou a buscar moldar a ordem asiática, questionando a primazia dos EUA na manutenção do equilíbrio de poder no continente.

Na América do Sul, a ascensão de governos de esquerda em países como Argentina, Bolívia, Brasil, Chile e Venezuela – entre outros – contribuiu para uma maior abertura para relações exteriores com potências reformistas e revisionistas, dentre as quais China e Rússia (MARES, 2012). Concomitante ao processo de aproximação de países da região com os atores supracitados, os Estados Unidos realizavam um distanciamento da região ao centrar-se no Oriente Médio como zona prioritária na primeira década deste século.

Nos últimos anos as relações russo-americanas deterioraram significativamente. Apesar das relações sino-americanas não assumirem uma tônica tão agressiva, contenciosos como os do Mar do Sul da China têm forçado dinâmicas armamentistas, ações coercitivas e escaladas que questionam o ideário de ascensão pacífica chinesa. Em termos de longa duração, a disputa entre China, Rússia e os Estados Unidos tem como

¹⁷ Por exemplo: sistemas de anti-acesso e negação de área.

problema a mudança de polaridade, a transição de poder e o futuro da ordem internacional.

Figura 7 – O Entorno Estratégico do Brasil



Fonte: Valim (2017, p. 13).

Nesse embate, a região do Entorno Estratégico brasileiro se insere como um dos palcos em que a disputa se desenvolve. Por essa razão, comportamentos como balanceamento, em suas expressões dura e suave (PAUL, 2004), constituem expressões do repertório da política de poder que captura a região. A geopolítica sul-americana se processa em diálogo e é influenciada pelas dinâmicas geoestratégicas internacionais, permeadas por relações de balanceamento, contenção e contra-tenção por parte de potências como EUA, Rússia e China. Como problema, essa realidade incide sobre a própria imaginação geopolítica brasileira.

Como pode ser percebido pelos conceitos da Geopolítica Clássica trabalhados ao longo do presente artigo, regiões não existem per si, não são realidades geográficas dadas. O analista interpreta o mundo físico e a

imaginação geopolítica no sentido de propor conceitos e teorias que apoiem um entendimento da realidade que guie a política (GRAY, 1999). Nesse sentido, a imaginação geopolítica brasileira¹⁸ nas últimas décadas tem no conceito de Entorno Estratégico brasileiro uma ideia força relevante.

Como resultado do acirramento da competição geoestratégica eurasiática e de sua propagação da *Ilha Mundial* para a América Latina¹⁹, o Entorno Estratégico brasileiro e o seu ambiente regional são acometidos pelo peso, poder e interesses de atores extrarregionais. Não obstante o Brasil seja a principal potência regional na América do Sul, dificilmente balanceável em termos do poder duro por seus pares regionais, o alinhamento de atores regionais com potências extrarregionais subverte os cálculos de poder e pressão no subcontinente americano. O colapso de iniciativas como a União Sul-Americana de Nações, em particular do Conselho de Defesa Sul-Americano, representa oportunidades perdidas para o Brasil frear a captura da geopolítica regional por parte de dinâmicas competitivas eurasiáticas de origem.

Nas últimas décadas, deu-se a estruturação de díades cooperativas entre potências extrarregionais e regionais. O alinhamento entre Estados Unidos e Colômbia recentemente ascendeu a um patamar superior dada a entrada de Bogotá como *Nato Global Partner* (DUSSÁN, 2018). Em oposição à primeira díade, Rússia e Venezuela contam com mais de uma década de aproximação robusta. A atual crise venezuelana apresenta

¹⁸ O conceito em apreço surge na Política de Defesa Nacional de 2005, sendo reformulado na Estratégia Nacional de Defesa na versão de 2012. Não obstante uma expressão desenvolvida e promovida por órgãos do Estado, o conceito ganhou capilaridade no meio acadêmico e serviu como aporte para reflexões sobre geopolítica, política externa e defesa no Brasil a mais de uma década.

¹⁹ Embora a delimitação do Entorno Estratégico Brasileiro abarque a América Latina, a análise em tela focará nas dinâmicas sul-americanas. O recorte se justifica em virtude da própria priorização na última década da ideia de América do Sul na Política Externa Brasileira, em detrimento a expressão América Latina.

um contexto relevante para sinalização de alinhamentos, apoio e balanceamento brando entre Rússia, China e Estados Unidos e aliados. Para além da participação de Moscou nos esforços de reequipamento militar da Venezuela na última década, da doação de toneladas de grãos (DEVITT, 2017), além de acordos para investimentos bilionários na área de petróleo e gás (G1, 2018), a Rússia tem se mostrado um parceiro significativo em apoio ao governo de Caracas, em grave crise econômica e social. Com destaque para o envio de dois bombardeiros Tu-160, a Rússia enviou em dezembro de 2018 meios aéreos para a realização de manobras e exercícios militares com a Força Aérea da Venezuela (FRANCE PRESSE, 2018), um forte sinal de apoio à Caracas²⁰. Por sua vez, nos últimos anos a China tem se tornado um ator fundamental na geopolítica e geoeconomia da América do Sul (VADELL, 2018), como exemplo, Pequim tem apoiado política e economicamente a Venezuela, a exemplo da assinatura de 28 acordos de cooperação entre China e Venezuela (EBC, 2018).

O quadro acima apresenta-se mais complexo se considerarmos que, para além do transbordamento da competição geoestratégica entre EUA, China e Rússia para a América do Sul, duas outras grandes potências fazem parte da realidade geográfica da região: Reino Unido e França. Desde a guerra das Malvinas, em 1982, o Reino Unido mostrou determinação em defender sua possessão de ultramar. Mais recentemente, no sul do Atlântico Sul, as defesas militares das ilhas passaram por melhoramentos, em meio a uma escalada diplomática entre Buenos Aires e Londres sobre o direito às Malvinas. Incrustada ao norte do subcontinente, a Guiana Francesa é um departamento de ultramar francês com

²⁰ Para uma avaliação alternativa sobre o engajamento russo na região, ver Dall’agnol, Zabolotsky, Mielniczuk (2018).

fronteira com Brasil na sensível região amazônica.

Os alinhamentos em questão e os territórios ultramarinos na região por parte de grandes potências extrarregionais afetam não apenas as dinâmicas de balanceamento entre potências globais, mas ao conectar a América do Sul a tendências do nível do sistema, incide no próprio equilíbrio de poder sul-americano. É possível considerar que se a América do Sul é o coração do Entorno Estratégico brasileiro, ele também é um espaço de disputa entre potências revisionistas, reformistas e de *status quo*. Com efeito de inserir as cercanias do Brasil numa luta geoestratégica para a qual o país não se vê preparado, a mudança da polaridade global neste momento do século XXI incide sobre as opções e a autonomia do Brasil nesse ambiente em transformação. A questão que se mantém em aberto é sobre quando o *soft balancing* empreendido na região entre Rússia, China e EUA poderá escalar de ações diversionárias²¹, com foco na Eurásia, para a efetiva transformação da América do Sul como espaço de disputa geopolítica, calcada pelo uso da força como instrumento da política.

Considerações Finais: Implicações para o Exército Brasileiro

Mais de um século se passou desde que a Geopolítica surgiu como disciplina acadêmica. Apesar das inúmeras transformações ocorridas no sistema internacional desde então, a Geopolítica Clássica ainda exhibe fôlego analítico para interpretar a realidade que se descortina diante do Brasil. Conforme desenvolvido ao longo do presente artigo, a

²¹ “Ação que tem por fim desviar a atenção do inimigo, quanto às verdadeiras intenções de nossas forças.” (BRASIL, 2007, p. 16).

política de poder, a tradição realista e a Geopolítica constituem lentes necessárias para captar o quadro de transformação em curso, o qual o Brasil é ligado irremediavelmente.

A mudança do padrão de polaridade neste século XXI, cada vez mais próxima da multipolaridade, se faz acompanhada pelo redesenho do tabuleiro internacional sob as tintas da geopolítica e da geoestratégia. Nele, Estados Unidos, China e Rússia são mais uma vez representantes de linhas de longa duração na geo-história mundial. A luta entre potências terrestres e marítimas desponta, uma vez mais, não como determinação histórica, mas como uma das possibilidades em que se estruturam o embate pela reconfiguração da geopolítica mundial no presente século. Como desenvolvido, estas linhas transbordam para a América do Sul, incorporando a região como parte deste tabuleiro estratégico, apesar de sua condição periferia e marginal dentro dos grandes esquemas de luta pelo poder mundial.

O regionalismo de segurança, tão debatido nos anos 1990 e 2000 (LAKE e MORGAN, 1997; BUZAN e WAEVER, 2003) dá espaço para o retorno do *sistema político fechado* mackinderiano. Nesse quadro, a América do sul como *Ilha Exterior* se vê tragada marginalmente pela geopolítica e geoestratégia da competição entre grandes potências, notadamente os Estados Unidos, China e Rússia. Destarte a centralidade da Eurásia, de uma forma mais ampla a *Ilha Mundial*, todas as grandes potências constroem capacidades para projetar poder em todas as dimensões da guerra e domínios de operação.

Dada a retração estratégica brasileira nos últimos cinco anos e o acelerado processo de penetração na região por parte de grandes potências extrarregionais, faz-se necessário repensar as bases do poder militar do Brasil. Em particular, o Exército brasileiro poderá aprender com as experiências em curso no

tocante a transformação, modernização e reforma militar sobre a importância do desenvolvimento de sistema de anti-acesso e negação de área (A2/AD), o imperativo da interoperacionalidade nas operações militares contemporâneas e como a reestruturação da defesa e das forças armadas impacta decisivamente no cálculo dissuasório do País. Um ponto essencial, compartilhado entre os casos analisados, é o apreço pela ideia de força conjunta, apta a operar em todos os domínios de operações em que a geopolítica se desdobra.

Apesar de países como Rússia e China observarem a deterioração das condições de superioridade militar dos Estados Unidos, algo percebido no país também; a distância tecnológica do Brasil com esses atores dificilmente permitirá ao Exército Brasileiro pensar em sua transformação como ator unitário. As três experiências analisadas aqui demonstraram um relativo padrão: a grande estratégia aponta a macro articulação entre objetivos políticos e as diversas expressões do poder nacional; executivo nacional (civil) influíram decisivamente sobre processos de reestruturação da defesa e das forças armadas; a ação geoestratégica se retroalimentou de processos de mudança militar empreendidos no âmbito doméstico.

Por fim, para jogar no tabuleiro internacional, e não apenas ser uma peça no tabuleiro, mostrou-se essencial a articulação entre objetivos nacionais, política externa e poder militar. A geoestratégia, enquanto administração estratégica dos objetivos geopolíticos do Estado, requer o aproveitamento dos aspectos fixos e mutáveis da política internacional: geografia e cultura estratégica. Em síntese, conforme converge a escola geopolítica brasileira sobre a existência de uma vocação geopolítica nacional, faz-se necessário saber qual espaço queremos e que papel devemos desempenhar neste tabuleiro

internacional marcado pelo competição, conflito e força.

Referências

BRASIL, Ministério da Defesa. **Glossário das Forças Armadas**. Brasília, 2007. Disponível em: <https://www.defesa.gov.br/arquivos/File/legislacao/emcfa/publicacoes/md35_g_01_glossario_fa_4aed2007.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2018.

BREZEZINSKI, Zbigniew. **The Grand Chessboard: American primacy and its geostrategic imperatives**. New York: Basic Books: 1997.

BUZAN, Barry. **The United States and the Great Powers: World Politics in the Twenty First Century**. Cambridge: Polity, 2004.

CHINA, Ministry of National Defense. **China's Military Strategy**. The State Council Information Office of the People's Republic of China. May 2015. Beijing. Disponível em: <http://eng.mod.gov.cn/Press/2015-05/26/content_4586805.htm>, Acesso em: 19 out. 2018.

CSIS. Competing Visions, Reconnecting Asia. **Center for Strategic & International Studies**, 2018. Disponível em: <<https://reconnectingasia.csis.org/analysis/competing-visions/>>. Acesso em: 04 dez. 2018.

DALL'AGNOL, Augusto C.; ZABOLOTSKY, Boris P.; MIELNICZUK, Fabiano. The Return of the Bear? Russian Military Engagement in Latin America: The Case of Brazil. **Military Review**, July 2018. Disponível em: <<https://www.armyupress.army.mil/Portals/7/Army-Press-Online-Journal/documents/Mielniczuk-Russia-Brazil.pdf>>, Acesso em: 27 ago. 2018.

DAVIS, Julie Hirschfeld. "Trump Warns NATO Allies to Spend More on Defense, or Else". The New York Times, July 2, 2018. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2018/07/02/world/europe/trump-nato.html>. Acesso em: 10 dez. 2018.

DEVITT, Polina. Russia to supply 600,000 tonnes of wheat to Venezuela: minister. **Reuters**. September 18, 2017. Disponível em: <<https://www.reuters.com/article/us-russia-grains-tkachev/russia-to-supply-600000-tonnes-of-wheat-to-venezuela-minister-idUSKCN1BT21V>>. Acesso em: 10 dez. 2018.

DOLLAR, David. The AIIB and the 'One Belt, One Road'. **Brookings**. Summer 2015. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/opinions/the-aiib-and-the-one-belt-one-road/>>. Acesso em: 10 dez. 2018.

DUGIN, Alexander. The nation-state and the multipolar world. **Katehon**, 2016. Disponível em: <<http://katehon.com/article/nation-state-and-multipolar-world>>. Acesso em: 04 dez. 2018.

DUSSÁN, Yolima. Colombia: A Global NATO Partner. **Dialogo – Digital Military Magazine**. 8 August 2018. Disponível em: <<https://dialogo-americas.com/en/articles/colombia-nato-global-partner>>. Acesso em: 10 dez. 2018.

EBC. China e Venezuela assinam 28 acordos de cooperação estratégica. **EBC Agência Brasil**, 14 set 2018. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2018-09/china-e-venezuela-assinam-28-acordos-de-cooperacao-estrategica?amp>. Acesso em: 10 dez. 2018.

FLORES, Mário César. O tumulto da IV Frota. **Poder Naval**. 27 de agosto de 2008. Disponível em: <https://www.naval.com.br/blog/2008/08/27/o-tumulto-da-iv-frota/>. Acesso em: 10 dez. 2018.

FRANCE PRESSE. Caracas e Moscou farão manobras militares para eventual defesa da Venezuela. **G1**. 10/12/2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2018/12/10/caracas-e-moscou-farao-manobras-militares-para-a-eventual-defesa-da-venezuela.ghtml>. Acesso em: 10 dez. 2018.

FUCCILLE, Alexandre; REZENDE, Lucas Pereira. Complexo Regional de Segurança da América do Sul: uma nova perspectiva. **Contexto Internacional**, 2013, pp. 77-104.

G1. Após encontro com Putin, Nicolás Maduro anuncia investimento bilionário da Rússia na Venezuela. **G1**, 06/12/2018 Disponível em: https://g1-globo-com.cdn.ampproject.org/v/s/g1.globo.com/google/amp/mundo/noticia/2018/12/06/apos-encontro-com-putin-nicolas-maduro-anuncia-investimento-bilionario-da-russia-na-venezuela.ghtml?amp_js_v=a2&_gsa=1#referrer=https%3A%2F%2Fwww.google.com&_tf=Fonte%3A%20%251%24s. Acesso em: 10 dez. 2018.

GREEN, Michael J. The Legacy of Obama's "Pivot" to Asia. **Foreign Affairs**. September 3, 2016. Disponível em: <https://foreignpolicy.com/2016/09/03/the-legacy-of-obamas-pivot-to-asia/>. Acesso em: 10 dez. 2018.

HURRELL, Andrew. Hegemonia, liberalismo e ordem global: qual é o espaço para potências emergentes?. In: HURRELL, Andrew; et. al. (Eds.). **Os Brics e a ordem global**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009. Pp. 09-41.

IISS. International Institute for Strategic Studies. **The Military Balance 2018**: The annual assessment of global military capabilities and defence economics. London, 2018.

_____. **The Military Balance 2017**: The annual assessment of global military capabilities and defence economics. London, 2017.

_____. **The Military Balance 2016**: The annual assessment of global military capabilities and defence economics. London, 2016.

_____. **The Military Balance 2015**: The annual assessment of global military capabilities and defence economics. London, 2015.

_____. **The Military Balance 2014**: The annual assessment of global military capabilities and defence economics. London, 2014.

JINPING, Xi. Secure a Decisive Victory in Building a Moderately Prosperous Society in All Respects and Strive for the Great Success of Socialism with Chinese Characteristics for a New Era. **Full text of Xi Jinping's report at 19th CPC National Congress**. October 18, 2017. Disponível em: http://www.chinadaily.com.cn/china/19thcpcnationalcongress/2017-11/04/content_34115212.htm, Acesso: 19 out. 2018.

KAPLAN, Robert D. **A vingança da geografia**: a construção do mundo geopolítico a partir da perspectiva geográfica. Tradução Cristiana de Assis Serra. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.

KENNAN, George F. The Sources of Soviet Conduct. In: **The Geopolitics Reader**, Gearóid Ó Tuathail, Simon Dalby e Paul Routledge (Orgs.). Londres e Nova Iorque: Routledge, 2003. Pp. 61-65.

LAKE, David A.; MORGAN, Patrick M. **Regional Orders: building security in a new world**. David A. Lake e Patrick M. Morgan (Ed.). University Park: Pennsylvania State University, 1997.

MACKINDER, Halford. The geographical pivot of history. **The Geographical Journal**, Vol. 170, No. 4, December 2004, pp. 298–321. Disponível em: <https://www.iwp.edu/docLib/20131016_MackinderTheGeographicalJournal.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2018.

McCURRY, Justin. Japan to get first aircraft carrier since second world war amid China concerns. **The Guardian**. Thu 29 Nov 2018. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2018/nov/29/japan-to-get-first-aircraft-carrier-since-second-world-war-amid-china-concerns>>. Acesso em: 10 dez. 2018.

MEARSHEIMER, John J. Can China Rise Peacefully? The National Interest. October 25, 2014. Disponível em: <<https://nationalinterest.org/commentary/can-china-rise-peacefully-10204>>. Acesso em: 10 dez. 2018.

MEARSHEIMER, John J. **The Tragedy of Great Power Politics**. New York/London: W. W. Norton & Company, 2001.

MEARSHEIMER, John J.; WALT, Stephen M. The Case for Offshore Balancing: A Superior U.S. Grand Strategy. **Foreign Affairs**, July/August 2016. Disponível em: <<http://johnmearsheimer.uchicago.edu/pdfs/Offshore%20Balancing.pdf>>. Acesso em: 10 dez. 2018.

MELLO, Leonel Itaussu. **Quem tem medo de geopolítica?** São Paulo: Hucit Ed Edusp. 1999.

POSEN, Barry R. **The Sources of Military Doctrine: France, Britain, and Germany between the world wars**. Cornell Studies in Security Affairs. Ithaca and London: Cornell University Press, 1984.

POSEN, Barry. Command of the Commons: The Military Foundation of U.S. Hegemony. **International Security**, Vol. 28, No. 1 (Summer 2003), pp. 5–46. Disponível em: <https://www.belfercenter.org/sites/default/files/files/publication/posen_summer_2003.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2018.

ROMANA, Heitor Barras. Da Cultura Estratégica: Uma Abordagem Sistêmica e Interdisciplinar. **R. Esc. Guerra Naval**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 1, p. 13-32, jan/abr. 2016.

RUSSIAN FEDERATION. **The Military Doctrine of the Russian Federation** approved by the President of the Russian Federation on December 25, 2014. Disponível em: <<https://rusemb.org.uk/press/2029>>, Acesso em: 27 ago. 2018.

SEMPA, Francis P. The Geopolitical Vision of Alfred Thayer Mahan. **The Diplomat**. December 30, 2014. Disponível em: <<https://thediplomat.com/2014/12/the-geopolitical-vision-of-alfred-thayer-mahan/>>. Acesso em: 19 out. 2018.

SEQUEIRA, Jorge M. D. As Teorias Geopolíticas e Portugal. **Revista Militar**, N° 2547 – Abril de 2014. Disponível em: <<https://www.revistamilitar.pt/artigo/914>>. Acesso em: 10 dez. 2018.

SINGH, Prashant Kumar. **Changing Contexts of Chinese Military Strategy and Doctrine**. IDSA Monograph Series, No. 49, March, 2016.

SUSHENTOV, Andrey. “The Russian Response to the RMA: military strategy towards security threats”. In: Jeffrey Collins and Andrew Futter (Org.), **Reassessing the Revolution in Military Affairs: transformation, evolution and lessons learnt**. Hampshire and New York: Palgrave Macmillan, 2015. Pp. 112- 131.

PUTIN: RUSSIA WON'T allow 'color revolutions' on its territory. **TASS**. 12 Abr 2017. Disponível em: <https://www.rbth.com/news/2017/04/12/russia-wont-allow-color-revolutions-on-its-territory_740817>. Acesso em: 10 dez. 2018.

RUSSIA READY TO send more military instructors to Central African Republic. **TASS**. October 22, 2018. Disponível em: <<http://tass.com/politics/1027111>>. Acesso em: 10 dez. 2018.

TEIXEIRA JÚNIOR, A. W. M. **Geopolítica: do pensamento clássico aos conflitos contemporâneos**. Curitiba: Editora Intersaberes, 2017.

TEIXEIRA JÚNIOR, Augusto W. M. Era uma vez um Complexo Regional de Segurança: Entorno Estratégico brasileiro ou Vazio de Poder Sul-Americano? In: Érica C. A. Winand; Thiago Rodrigues; Sérgio Aguiar. (Org.). **Defesa e segurança do Atlântico Sul VIII ENABED**. 1ed., 2016.

TEIXEIRA JÚNIOR, Augusto W. M.. Postura Estratégica da Rússia e Uso da Força no Século XXI. Centro de Estudos Estratégicos do Exército: **Análise Estratégica**, Brasília, v. 10, n. 4, p. 5-20, nov. 2018b. Disponível em: <<http://ebrevistas.eb.mil.br/index.php/CEEEExAE/article/view/1837>>. Acesso em: 11 dez. 2018.

TEIXEIRA JÚNIOR, Augusto W. M.. Postura Estratégica dos Estados Unidos e uso da Força. Centro de Estudos Estratégicos do Exército: **Análise Estratégica**, Brasília, v. 9, n. 3, p. 5-17, ago. 2018a. Disponível em: <<http://ebrevistas.eb.mil.br/index.php/CEEEExAE/article/view/1636>>. Acesso em: 11 dez. 2018.

UNITED STATES OF AMERICA. Department of Defense. **Summary of the 2018 National Defense Strategy of The United States of America: Sharpening the American Military's Competitive Edge**. Washington D.C., 2018.

UNITED STATES OF AMERICA. The White House. **National Security Strategy of the United States of America**. December 2017.

VADELL, J. A. China in Latin America: South-South Cooperation with Chinese Characteristics. **Latin American Perspectives**. 2018.

VALLIM, José D. A. A Força Expedicionária por Excelência. **Revista Âncoras e Fuzis**, nº 48, 2017. Disponível em: <<https://www.marinha.mil.br/cgcfm/sites/www.marinha.mil.br/cgcfm/files/ancorasefuzis48.pdf>>, Acesso em: 10 dez. 2018.

WALTZ, Kenneth N. **Teoria das Relações Internacionais**. Lisboa: Gradiva, 2002.

WUTHNOW, Joel. “Chinese Perspectives on the Belt and Road Initiative: Strategic rationales, risks, and implications”. **China Strategic Perspectives**, 12. Center for the Study of Chinese Military Affairs. Institute for National Strategic Studies. National Defense University. 2017.

